

# CONTRIBUIÇÕES DA BIOLOGIA DO CONHECIMENTO PARA COMPREENSÃO DO PROCESSO EDUCATIVO: FUNDAMENTOS PARA RELAÇÕES DEMOCRÁTICAS E CONSTITUINTES DA CULTURA DE PAZ

*Claudia M. M. Pierre*

A *Biologia do Conhecimento* (1972), desenvolvida pelo neurobiólogo Humberto Maturana Romensín, PhD em Biologia pela Universidade de Harvard, compreende a democracia como um modo de atuar pautado na emoção que aceita o outro como legítimo outro na convivência, que é o amor. Democracia, nesta concepção refere-se, prioritariamente, ao modo como as interações humanas acontecem.

A democracia, tal como a compreendemos, existe apenas no âmbito do amor. Esta emoção especifica ações que, em função da aceitação do outro na convivência, inclui respeito, capacidade de ouvir, consideração pelo outro, exercício da liberdade sem medo e a possibilidade de poder participar e exercer a autonomia (poder gerir o próprio destino e fazer as próprias escolhas). Democracia é um exercício do amor. Somente o amor propicia a realização deste domínio de condutas.

Considerados desta maneira, os conceitos de democracia e Cultura de Paz são permutáveis. A **educação para a paz** acontece natural e necessariamente, dentro do contexto democrático e a democracia suscita uma Cultura de Paz.

Segundo a UNESCO, Cultura de Paz se constitui dos valores, atitudes e comportamentos que refletem o respeito à vida (*apud* NEY FILHO, p.107). Estes valores e condutas são realizados através de metodologias e estratégias, pois a paz

ou violências não são naturais, são construídas. Milani, citado por Nei Filho (2008) afirma:

no que se refere à escola, a abordagem da Cultura de paz ressalta diversas necessidades e estratégias: uma relação educador/educando fundamentada no afeto, respeito e diálogo; um ensino que incorpore a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar... aproveitamento das oportunidades educativas para o aprendizado de respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos; abandono de modelo vigente de competição e individualismo por outro, fundamentado na cooperação e no trabalho conjunto. (p.108).

A educação como prática para a democracia é uma preocupação sempre atual porque se trata da qualidade das relações humanas e realização do ser em suas necessidades morais fundamentais. Este modo de educar origina um padrão de condutas não presentes no modo de interação impositiva.

Partimos do princípio que num contexto em que prevalece um modo de convivência democrático, há mais paz. Por que processos democráticos são fatores que podem erigir condutas de paz? Porque vivenciar estes valores significa aceitação do outro, fator que dispensa a violência como estratégia para conseguir atingir necessidades que não são satisfeitas num ambiente autoritário (ROSENBERG, 2003).

Além do amor como fundante das relações democráticas, a questão da concepção de o que é a realidade também incide na forma como as relações humanas acontecem.

## **A Questão da Realidade e as Relações Sociais**

A Biologia do Conhecimento lança novas bases para o entendimento das relações humanas, da aprendizagem e da

educação, a partir de suas pesquisas sobre o operar dos seres vivos e como conhecemos o conhecimento. Em suas investigações acerca da percepção, Maturana chegou à conclusão de que “tudo o que é dito é dito por um observador, que pode ser ele mesmo” (2002, p.34). Isto é, não existe uma realidade objetiva independente da capacidade perceptiva daquele que percebe. Este fato tem amplas e profundas implicações em nossa concepção de realidade e na compreensão das interações sociais.

A forma como compreendemos a questão da realidade, então, se constitui na pedra angular na maneira pela qual as interações sociais ocorrem. Pois, o fato de não termos um acesso privilegiado à realidade, mas configurarmos a realidade segundo o modo como estamos feitos, implica em reconhecer que o mundo perceptivo do outro é tão legítimo quanto o nosso. Este fato nos leva a outra dinâmica das relações humanas e a outra abordagem do processo educativo.

De que modo o fundamento de nossas capacidades cognitivas se relacionam com a dinâmica das relações humanas? Ora, se acreditarmos que existe uma realidade objetiva, temos a justificativa de fazer o outro obedecer aos nossos desejos e subjugá-lo às nossas crenças, porque consideraremos que temos posse da verdade e o outro não. Então, ele deve se curvar à verdade que nós advogamos. Tal postura é própria das práticas educacionais autoritárias.

Maturana formula dois critérios em relação à questão da objetividade dependendo de aceitarmos ou não a explicação considerando as habilidades cognitivas do observador: “*Objetividade sem parênteses* — quando o observador presume que pode fazer referência à realidade sem considerar suas habilidades cognitivas”. (MATURANA, 1998, p.45).

o que estou dizendo é válido porque é objetivo, não porque seja eu quem diz, é a realidade, são os dados,



... se digo que você está equivocado, não sou eu quem determina que você está equivocado, mas a realidade (idem, p.46).

De acordo com este critério, existe uma realidade objetiva para a qual podemos apontar, e que usamos como referência para validar nossas explicações. Considerando assim,

[...] se ele não está de acordo comigo está **errado**, e que deve fazer o que digo para estar certo e que, se não o fizer, não me resta outro recurso senão exigir-lhe **obediência** ou rechaçá-lo. (MATURANA, 1998, p.58).

Assim, assumimos que o critério de validação está sempre conosco. Neste raciocínio, estamos certos e o outro errado. Isto justifica a submissão. Passamos a considerar aqueles que não partilham da mesma explicação da experiência, como ameaças, como inimigos.

Admitimos a *objetividade entre parênteses* quando partimos da premissa de que não podemos fazer referência a uma realidade independente de nós. Na vida cotidiana, nossas relações são forjadas a partir da consideração de um ou outro caminho explicativo. Caso adotemos o modelo do caminho explicativo da *objetividade sem parênteses*, não aceitamos a legitimidade do mundo do outro. Isto implica em não respeitá-lo, e nos concede o argumento racional para submetê-lo aos nossos desejos. Considerando a *objetividade entre parênteses*, se fizermos alguma objeção, faremos a partir de nosso querer, assumindo nossa responsabilidade por tal postura, e não porque temos um acesso à verdade que, supomos, o outro não tem.

Portanto, a

reflexão epistemológica sobre o explicar é também um diagrama das relações humanas a partir de nossa di-

nâmica emocional, ao revelar-nos como nosso explicar tem a ver com a maneira que nos encontramos com o outro. (MATURANA, 1998, p.50).

Para que exista um modo de vida democrático precisamos abdicar da ideia de que temos um acesso privilegiado a uma realidade objetiva. O agir democrático implica em atuar considerando que todos somos legítimos. O outro é tão legítimo quando nós, ainda que tenha posições ideológicas diferentes.

O que define a democracia é a base emocional de aceitação do outro na convivência, considerando-o em sua legitimidade. Ela se fundamenta no desejo de estar juntos e configurar um mundo comum. Na compreensão de que o mundo que vivemos não existe independente do operar do observador, há o reconhecimento de que o mundo que configuramos é o mundo que queremos, e assumimos a responsabilidade por nossos atos. Portanto, a conspiração democrática está relacionada com o aspecto fundamental do humano que está no *amor*, ou seja, na *aceitação do outro como legítimo outro na convivência*. Ao atuarmos a partir da exigência de que o outro aja de uma maneira que nós consideramos apropriada, criamos espaço para as diversas formas de autoritarismos que se fundam na negação da legitimidade do outro. Segundo Maturana, interações baseadas na obediência, na exclusão e no preconceito negam o outro como legítimo outro, ou seja, negam o amor. Para o autor, a democracia é um modo de convivência fundado no amor que é a emoção que constitui a legitimidade do outro.

### **Emoções e Domínios de Condutas**

Segundo a Biologia do Conhecimento, todas as nossas ações têm um fundamento emocional. Emoções são domínios



de ações. Sob determinadas emoções, atuamos de maneira específica que não é possível se estivermos em outro domínio emocional. Em função disto, Maturana afirma que ao observarmos as ações dos outros, conheceremos suas emoções e, ao contrário, ao conhecermos suas emoções saberemos quais ações são capazes de realizar. Com suas palavras:

‘Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação. Quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção (MATURANA, 1998, p.15).

E ainda:

Na medida em que diferentes emoções constituem domínios de ações distintos, haverá diferentes tipos de relações humanas dependendo da emoção que as sustente, e será necessário observar as emoções para distinguir os diferentes tipos de relações humanas, já que estas as definem. (Idem., 1998, p.68).

Portanto, as interações sociais acontecem segundo a emoção que lhes dá suporte. O amor é a emoção que constitui o domínio de ações que considera o outro um legítimo outro. As relações democráticas só são possíveis por esta aceitação da legitimidade do outro. As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência (MATURANA, 1998, p.22).

Para Maturana, o amor é o fundamento do social. O processo de socialização só se deu por causa da recorrência de interações e esta recorrência de interações só é possível por causa da aceitação do outro na convivência conosco, ou seja, só é possível por causa do amor. O fenômeno social humano

se funda no amor. Com suas palavras:”o amor é o fundamento operacional de nossa coexistência.”

O amor é uma emoção pré-linguagem, mas aprendemos o emocionar de nossa cultura na convivência social. Isto nos leva a crer que um modo de convivência no qual a aceitação do outro é a emoção estruturante, as crianças erigem uma configuração amorosa do mundo, pois sua percepção terá esta emoção como fundamento. Sua emoção manifesta-se por meio de sua conduta.

É possível que haja comunidades humanas não fundadas no amor. São comunidades em que as interações não implicam em cooperação, mas em competição. Nestas comunidades, os domínios de ações são fundados em outras emoções que não o amor. Nem todas as relações humanas são da mesma ‘natureza’, porque nem todas são constituídas a partir do amor. Emoções de amor e desamor têm domínios de ações opostos no âmbito da convivência. O desamor resulta numa irresponsabilidade quanto aos outros. Sob esta emoção, não há preocupação com o outro, não há ética, erigindo assim, condutas não promotoras da paz.

### **Emoções e Meio Social**

Dado que somos seres sociais, aprendemos o emocionar no entrelaçamento com as outras pessoas. “O ser humano adquire seu emocionar no seu viver congruente com o emocionar dos outros... com quem convive.” (MATURANA, 2002a, p.172). Por causa disto, é absolutamente fundamental o modo de convivência no qual nos desenvolvemos.

Ao vivermos, incorporamos ou não a emoção do amor; aprendemos ou não a realizar o domínio condutual específico



cado por esta emoção. Se, ao longo da história individual, o ser humano não viver um espaço de convivência onde haja o amor, ele não atuará de acordo com o amor, mas com o domínio de ações que vivencia. Nós amamos se vivemos um espaço de convivência onde o amor existe.

É o espaço de convivência que especifica a predominância de uma ou outra emoção. É no espaço de convivência com os outros que aprendemos a ser o que somos. Não nascemos nem amando nem odiando, aprendemos a manifestar essas emoções a partir do espaço de convivência em que nos encontramos. O **processo de estruturação** do ser humano é construído a partir de uma história de interações; tem, portanto, uma **dependência do modo de vida** que vivencia. Segundo Maturana, uma pessoa é sempre dependente de como e com quem vive e das circunstâncias de sua vida. Ele afirma que “não há genes para a bondade ou maldade, mas há histórias vitais que levam à bondade ou à maldade.”

Emoções diferentes especificam diferentes modos de atuar. Isso significa que emoções distintas originam diferentes sistemas de convivência. Sistemas de convivência constituem em modos de viver, definidos por padrões emocionais. Assim, há sistemas diferentes dentro de uma cultura, definidos pelas emoções que os fundamentam. Maturana especifica três sistemas diferentes segundo a emoção em uma cultura: 1. Sistemas Sociais — ele considera sistemas sociais somente os sistemas de convivência constituídos sob a emoção do amor; 2. Sistemas de Trabalho — constituídos sob a emoção da aceitação do cumprimento de determinadas tarefas e; 3. Sistemas Hierárquicos ou de Poder — constituídos sob a emoção que constitui ações de aceitação de submissão própria ou do outro; institui a obediência como ação básica, negando o outro e a si mesmo.



## História de Interações, Aprendizagem e Educação

O ser humano é dotado de sistema nervoso, com estrutura plástica que amplia as possibilidades de transformações estruturais. Ao estar vivo em interações recorrentes com o meio (ambiente, com o meio social) o ser humano sofre transformações. Ele continua a manter sua organização, mas a estrutura se modifica.

Maturana chegou à conclusão de que nós somos determinados por nossa estrutura. Isto significa que tudo o que acontece conosco, acontece segundo a maneira como estamos feitos. Quer dizer ainda que

‘os encontros, as interações somente desencadeiam mudanças em nossa estrutura que sejam determinadas por esta mesma estrutura. O agente externo com o qual nos encontramos não especifica o que se passa conosco, não determina o que se passa com um ser vivo.’ (1990).

Por sermos sistemas determinados por nossa estrutura, cada vez que há um encontro, o que se passa depende de nós, de como somos feitos. O que acontece não é determinação por algo externo, mas o outro apenas desencadeia perturbações permitidas pela própria estrutura do organismo, de uma maneira que a própria perturbação tornada possível por dada estrutura, pode propiciar novas modificações estruturais e, assim, indefinidamente.

O determinismo estrutural tem consequências revolucionárias no que diz respeito à questão da **aprendizagem** e, portanto, da educação. Segundo esta teoria, como dito, o meio não *determina* o que acontece ao organismo, pois o que determina o que lhe acontece é sua própria estrutura. O meio apenas *desencadeia* as mudanças que sua estrutura permite.

Uma vez que se conserve a organização, acontece uma história de interações. Ocorre, então, uma história de mudanças estruturais. Há transformações estruturais que dependem da própria dinâmica do sistema, mas há aquelas que dependem das interações do ser vivo com o meio. O ser vivo e sua circunstância mudam juntos. Quando estamos em interações recorrentes na convivência, nos modificamos de forma congruente com nossas circunstâncias.

‘O viver é uma história na qual o curso das mudanças estruturais que se vive é contingente à história de interações pelo encontro com os objetos. Depois de uma certa história de interações recorrentes, o organismo aparece com uma estrutura diferente da que possuía originalmente, em congruência com uma circunstância diferente da inicial, ocorre, necessária e inevitavelmente, no fluir do viver.’ (MATURANA, 1990).

Este processo de mudança estrutural, tornado possível por uma história de interações é o que o observador chama de **aprendizagem**. Esta concepção vai de encontro aos conceitos existentes de educação como injeção de fora para dentro. A noção de *instrução* serve de justificativa para uma educação autoritária, pois o outro tem que se amoldar ao que é especificado a partir do externo. Ao contrário, a nova epistemologia das ciências, ao afirmar que o que ocorre é uma contínua reestruturação interna, modifica-se a concepção sobre o que significa o ato de educar. Na nova aceção, tudo o que podemos fazer é configurar um espaço de convivência no qual o outro possa se modificar juntamente conosco num processo de deriva estrutural coontogênica.

Então, o espaço de convivência que configuramos com nossas crianças e jovens é fundamental na constituição de seu ser social, porque é neste espaço que manifestaremos o amor

ou a rejeição e que configuraremos um mundo de acordo com uma ou outra emoção. O espaço de convivência que realizamos leva à questão sobre o processo educativo. O que vem a ser **educar**? Ora, se nos modificamos de acordo com nossa história de interações, a educação vem a ser configurar um

espaço de convivência desejável para o outro, de forma que eu e o outro possamos fluir no conviver de uma certa maneira particular ...e nesta convivência ambos, educador e aprendiz, irão se transformar de maneira congruente. (1990)

### **Educamos, em Um Meio Social**

Os organismos vivos estão sempre inseridos num meio e continuamente sofrem perturbações ao longo de suas histórias de interações. Nesta história, todo ser vivo parte de uma estrutura inicial, estrutura esta que define o curso de interações possíveis. O organismo nasce em um meio, que, por sua vez, dispõe de uma dinâmica estrutural operacionalmente distinta da do ser vivo.

A história de interações de todo ser vivo consiste em sua contínua transformação estrutural. Tal como o meio, o outro com quem interagimos constitui apenas uma fonte de perturbações. Essas perturbações — constitutivas da história de interações — não são determinantes, mas são decisivas, à medida que o sistema nervoso passa por mudanças de estado e adquire novas formas de acordo com essas perturbações. Somos como somos segundo nossa história com a circunstância.

O processo de mudanças estruturais é congruente com o meio no qual ele se realiza. Portanto, a forma de interação no contexto de convivência é fundamental para o desenvolvimento da criança. Afirmamos que esta forma de interação

pode ter o amor como emoção básica ou pode ter outras emoções que geram conflitos e estruturam a fisiologia de modo desarmonioso e geram problemas relacionais. As relações com o meio e com os outros vão especificar mudanças estruturais e vão formar incessantemente nossas histórias de vida. Se o meio societário tiver como base a emoção do amor, a criança crescerá vivenciando condutas amorosas — formará uma base de conduta baseada na emoção de aceitação e respeito.

Aprendemos o emocionar de dada cultura, a partir da história de interações que nos estrutura de um modo específico — a história de interações vai estabelecendo mudanças estruturais. À medida que vamos vivendo, vamos nos tornando de determinada forma em acoplamento com o meio social. Nós vamos nos tornando de um modo particular no vivenciar, e esse *tornar-se* é um processo de estruturação, que é dependente do modo de convivência. Há modos de convivência no qual os indivíduos são aceitos como legítimo outro e há modos de convivência nos quais a negação é a tônica principal.

Em virtude disso, vale enfatizar, o espaço de convivência no qual crescemos e nos movemos é decisivo em nosso operar — nós nos formamos ao longo de nossas histórias de interações — e é a educação enquanto espaço formador de nossa convivência, que vai delimitar uma conduta de amor ou uma conduta que nega o outro. Uma criança que seja desrespeitada, não saberá respeitar a si, nem os outros. As condutas nas quais não se reconhece a legitimidade do outro advém de uma história de interações na qual o amor esteve ausente. O espaço social de desamor implica numa configuração de mundo que pode originar o comportamento de desamor.

A formação de um indivíduo particular como membro de uma sociedade está amarrada a sua contínua história de



interações. São essas interações que mantêm ou modificam a dinâmica de cada um dos integrantes da rede social. O que ocorre é um processo interno de estruturação, mas em acoplamento com o meio social. As mudanças de estado, provenientes das perturbações, seja do meio, seja da convivência com outros seres humanos se corporificam no indivíduo, formando seu modo de ser e de viver.

Uma história de interações vividas em um modo de vida ou de outro definirá indivíduos, cujo emocionar será resultante desta história. Espaços sociais nos quais o respeito faz parte de sua dinâmica, suscitarão condutas sociais de respeito mútuo. O respeito é um modo de aceitação do outro em sua legitimidade. Ao contrário, espaços sociais nos quais seus membros têm condutas pautadas em emoções que negam o outro, levarão indivíduos a atuarem na negação, o que significa manifestação de condutas não pacíficas.

As sociedades compreendem sistemas de convivência que se diferenciam segundo a emoção, segundo um espaço básico de ações. Há sistemas de convivência cuja base é a emoção de aceitação e respeito pelo outro. Neste sistema de convivência o outro é reconhecido em sua legitimidade. E, há sistemas de convivência nos quais há um referencial estranho ao operar do organismo. Nestes sistemas de convivência, há uma rejeição, uma negação do outro e, portanto, são sistemas de veio autoritário e impositivo.

Um modo de interações baseado em outras emoções suscita percepções nas quais o outro é considerado não a partir da aceitação, mas da exigência — o outro tem que se conduzir de maneira especificada pelo observador. A não aceitação provoca conflitos e nega a reflexão — uma criança negada não reflete sobre si, presa na ansiedade de ser quem não é. O di-

álogo não tem lugar, pois o ideal é construído de acordo com uma sentença que não se pode questionar.

Um espaço social baseado no amor é diferente de um espaço social em que as pessoas vivam em domínios de ações baseados no medo e na rejeição. Tais emoções levam a condutas que impedem a reflexão, porque não há condição para que isto ocorra. Uma criança que encerre emoções conflituosas construirá um espaço social diferente de outras que foram socializadas na aceitação e no respeito. Se se vive num espaço relacional que dispensa o diálogo e a reflexão, vive-se sob o jugo do autoritarismo.

Considerando que o desenvolvimento do ser humano se faz no contexto de conversações no âmbito de sua convivência, não é, absolutamente, trivial que tenhamos um modo de vida ou outro. Aprendemos a *ser* e aprendemos o *emocionar* no curso de nossa história de vida em nossas interações com os outros. As qualidades destas interações são importantíssimas na história do desenvolvimento do ser humano. Somos “resultado” de uma “história de mudanças estruturais contingentes com as interações com o meio a partir de uma certa estrutura inicial” (viver na linguagem, p.327).

### **Condutas Não Sociais**

Maturana afirma que somos dependentes do amor — ele é constitutivo do social. As interferências com o amor geram problemas na autorrealização do ser no sistema social. Há modos de convivência pautados na agressão, mas estes modos de convivência, se estabilizados levam a sofrimento, porque impedem a realização do ser vivo em sua ontogenia (história individual de cada organismo).



O amor, o modo de operar que aceita o outro como legítimo na convivência, é necessário para o desenvolvimento físico, condutual, psíquico, social e espiritual da criança, assim como para a conservação da saúde física, condutual, psíquica e social e espiritual do adulto. Maturana afirma que a maior parte do sofrimento vem da negação do amor (1998, p.44).

Quando o espaço de convivência não se trata de um Sistema Social, os organismos participantes do sistema não se realizam, vivem na frustração e no medo. O atuar a partir de outra emoção que não o amor, leva a problemas nas relações com os outros, gerando condutas que o observador denomina de violentas.

O amor consiste numa operacionalidade de aceitação do outro como legítimo. Este modo de convivência é que permite as relações que Maturana chama de sociais. Ele afirma que quando “a criança cresce de uma maneira na qual as coisas não funcionam bem na relação ... passa a ser uma pessoa que gera uma dinâmica de convivência problemática.” (2002, p.17).

‘Na medida em que não cresce no amor, e se altera sua fisiologia neste processo, se altera sua configuração de mundo’ (2002). Ora, a configuração de mundo é resultado de um emocional básico que se manifesta em modos de atuar. Se se altera a configuração de mundo, pela interferência com a emoção que nos realiza no sistema, se altera a dinâmica social. Assim, as interferências com o amor levam a *condutas inadequadas*, do ponto de vista do observador, porque geram dinâmicas de convivência não sociais. Infere-se, portanto, que relações baseadas na negação do outro levam ao sofrimento e a dinâmicas relacionais problemáticas. Infere-se também que todas as relações não fundadas no amor — relações hierárquicas e de

obediência (relações autoritárias) — geram problemas relacionais na escola e fora dela.

Creio que podemos afirmar que há condutas pautadas numa pedagogia do medo e na pedagogia do amor. A pedagogia do amor é aquela da aceitação, do respeito, do espaço de convivência onde há liberdade. Em se tratando do espaço de convivência escolar, isto é passível de verificação nas relações em sala de aula e nos métodos para auferir conhecimento. Os procedimentos em sala de aula e modo de gestão dão subsídios para avaliar se as condutas perante os alunos são baseados no medo ou no amor.

Condutas não sociais são originadas por emoções que interferem com a realização do ser como sistema social. Consideramos não sociais, as condutas que interferem com as relações de paz. Ao avaliarmos o uso de ameaças e condutas autoritárias nas escolas, por parte do corpo docente, por exemplo, podemos tirar um retrato do modo como o sistema escolar opera.

### **Em Que Meio Social Educamos?**

Para Maturana, a democracia extrapola o aspecto de luta pelo poder e se constitui num modo de convivência. Esta concepção vai ao encontro da proposta de John Dewey, para quem a 'democracia é mais do que uma forma de governo; é primeiramente, um modo associado de vida, de experiência de comunicação conjunta (*apud* YUZ, 2002, p.168).

Abordando a democracia segundo esta concepção, ao atentar para a escola especificamente, é importante verificar os fatores organizacionais que se instalam como uma configuração de um modo de convivência. Considerando que apren-



demos o emocionar de nossa cultura na convivência social, é necessário averiguar como acontece a convivência social nas escolas, que tipos de condutas sua estrutura organizacional e seus princípios diretivos ajudam a suscitar. A história de interações que ocorrerão na escola são aquelas que ela se propõe a realizar como eixo norteador da dinâmica escolar, que envolve questões como metodologias em sala de aula e participação, através de assembleias.

Um modo de vida democrático inclui, necessariamente, o reconhecimento da legitimidade do outro, e portanto, o respeito. Isto se dá através da aceitação, da valorização dos jovens e crianças, do estímulo à autonomia, compreendendo, necessariamente, o aspecto afetivo-emocional. Estes fatores ou a ausência deles nos servem de guia para mostrar como estamos configurando nosso viver nas escolas e no seio familiar.

Podemos delimitar alguns fatores básicos que caracterizam o modo de convivência democrático e de Cultura de Paz nas escolas. Há alguns critérios que devem existir para dar uma identidade democrática às escolas. “Um modo de convivência democrático implica em contemplar determinados métodos e conteúdos” (YUZ, p.154).

Um ambiente democrático se caracteriza pelos valores que definem o que vem a ser democracia, levando em conta o princípio fundamental que é a aceitação do outro como legítimo. Em termos práticos isto se expressa como participação, preocupação ética, ausência de medo, liberdade e autonomia. Um modo de interação democrático implica, necessariamente, o respeito — por si e pelo outro.

Um espaço de convivência autoritário se caracteriza pela repressão e, quando se pode efetivar punições, costuma-se usar o castigo para reparar o que se considera como trans-

gressão. As relações de submissão se sobrepõem às relações de igualdade. Como é instituído um *dever-ser*, a vigilância é uma constante. Neste tipo de ambiente, o temor toma lugar da emoção do amor. Não há estímulo à autonomia, pois não é desejada a liberdade de criar e de ser — a expectativa é de que se cumpram papéis sociais já estabelecidos. A liberdade não pode existir onde há medo.

A democracia supõe alguns valores que a configuram como tal. Em se tratando de ambientes escolares, podemos observar se há relações de parceria na delimitação dos objetivos a serem estudados, se há cooperação e participação de todos os que fazem parte do sistema. Para a construção de uma escola democrática, estes fatores têm que ser levados em conta. Para Puig Ravira — a escola democrática é aquela que estimula a participação na elaboração e aplicação de projetos e regulação da convivência. A ausência destas características configura um espaço social não democrático.

Estes fatores são, na verdade, expressões do emocionar que leva em conta o outro como legítimo outro, ou seja, do amor — única emoção que propicia o modo de vida democrático. Ou seja, o afeto, o diálogo, a ética e a cooperação que compreendem as condutas de paz, são tão somente desdobramentos do amor, ou as várias facetas da conduta amorosa. Em que meio social educamos? Num meio social democrático, fundado no amor e aceitação e liberdade, ou num meio autoritário, fundado na rejeição, negação de exigência. Portanto, os espaços de convivência compreendem duas possibilidades: relações democráticas ou relações autoritárias. Este último, por suas características, impede a construção de uma Cultura de Paz. A democracia, porque fundada no amor, é a realização de relacionamentos que busca a consideração por cada um

que faz parte do grupo social, porque pautada na legitimidade de seus membros. Portanto, a única possibilidade de construção da Cultura de Paz consiste na criação de um ambiente democrático, no qual tem por fundamento a emoção do amor.

## Referências

FILHO, N. A. Educação para a paz: saberes necessários para a formação continuada de professores. In: MATOS, K. NASCIMENTO, V; JUNIOR, N. (Orgs.). *Cultura de paz: do conhecimento à sabedoria*. Fortaleza: UFC, 2008. (Coleção Diálogos Intempestivos)

MATURANA, Humberto. *Uma nova concepção de aprendizagem*. 1990. (Mimeo)

\_\_\_\_\_. *Emoção e linguagem em educação e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

PIERRE, C. Emoção, Racionalidade e política: reflexões inspiradas nas idéias de Humberto Maturana. In: *Tendências: Caderno de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri*, n. 4, set. 2006, p.139-170. ISSN 1677-9460.

ROSEMBERG, Marshall. *Life-Enriching Education*. Puddler-Dancer Press, CA 2003.

Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI. *Educação, um tesouro a descobrir*. Disponível em: [www.unesdoc.unesco.org](http://www.unesdoc.unesco.org). Acesso em: 21 mar. 12.

YUS, Rafael. *Educação integral: uma educação holística para o século XXI*. Porto alegre: Artmed, 2002.